

# RELAÇÕES ENTRE AS OBRAS DE GEORGES BATAILLE E SAMUEL BECKETT: A EXPERIÊNCIA INTERIOR.

*Ana Paula Moreira Duro*

*Orientadora: Paula Glenadel*

*Mestrando*

RESUMO: O objetivo do trabalho é apresentar as ideias do primeiro capítulo da dissertação de mestrado intitulada *Experiência interior na obra narrativa de Samuel Beckett: O Calmante e Textos para nada*, que se encontra em fase final de conclusão. Nesta primeira parte da pesquisa, mostrarei como, através de seu trabalho com a linguagem, Samuel Beckett promove o que escolhi chamar “experiência interior”, tomando tal conceito como análogo àquele desenvolvido por Georges Bataille em seu livro de 1943. O sujeito beckettiano, que se apresenta como narrador-personagem de sua própria história, ao encenar seu processo de escrita, demonstra a insuficiência do código face à diversidade do “eu” e do mundo. É através do desenvolvimento de seu caminho narrativo, questionando e desconfiando constantemente da linguagem, que ele consegue realizar sua experiência singular. Para Bataille, a experiência pressuporia um “despir-se” e um posicionamento outro em relação ao saber. Seria essencial perder o “conhecimento” que limita, sair dos discursos dominantes e morais nos quais estamos tão intrinsecamente inseridos. O filósofo destaca ao longo de todo seu texto a limitação e a precariedade do discurso e, próximo à escrita de Beckett, apresenta um texto que expõe, ao invés de filtrar as contradições que surgem ao longo do processo. Além da proposta da “experiência interior”, também serão introduzidos outros temas presentes na obra batailliana que se relacionam com a temática da dissertação, como “o mal”, “a despesa”, “o indivíduo” e “a soberania”.

PALAVRAS-CHAVE: Beckett, Bataille, Experiência interior.

Para o VII SAPPIL-UFF escolhi apresentar as principais ideias que estarão contidas no primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado intitulada *Experiência interior na obra narrativa de Samuel Beckett: O Calmante e Textos para nada*. Nesta primeira parte da pesquisa apresentarei a temática da “experiência interior” e tentarei aproximar algumas

propostas do pensamento filosófico de Georges Bataille com os modos de subjetivação da escrita beckettiana.

Tomo o termo experiência interior como análogo àquele desenvolvido por Bataille em seu livro homônimo de 1943, ou seja, ele guiará o estudo sem o limitar. Não me prenderei às delimitações estabelecidas pelo filósofo, mas sim me aproximarei do tema para o expandir, a fim de mostrar justamente a singularidade da experiência beckettiana.

O primeiro e mais importante aspecto da teoria de experiência do filósofo que remete diretamente a Samuel Beckett é o reconhecimento da precariedade do discurso: a linguagem não pode traduzir a complexidade do pensamento e da experiência. Sendo assim, seria preciso uma entrega, um mergulho nesta precariedade a fim de estabelecer um movimento de enfrentamento de limites. Surge daí, um texto que opta, muitas vezes, pela não filtragem de contradições, em uma tentativa de expor as indas e vindas do pensamento e a impossibilidade de conclusão. As obras narrativas beckettianas que serão analisadas ao longo desta dissertação caminham em um sentido bastante parecido, ao apresentar sempre um sujeito narrador-personagem de sua própria “história” que, ao encenar seu processo de escrita, demonstra toda a insuficiência do código face à diversidade do “eu” e do mundo. É através do desenvolvimento de seu caminho narrativo, que questiona e desconfia constantemente da linguagem, que ele consegue realizar sua experiência singular.

O *corpus* literário primário escolhido para o trabalho é composto pela novela *O Calmante* e pelos *Textos para nada* (do livro *Nouvelles et textes pour rien*), em razão de serem estes textos exemplificações particularmente consistentes dentro da obra narrativa beckettiana dos temas que serão aqui abordados. Optei por manter o foco do trabalho em *O Calmante* sem agregá-lo aos outros textos que, com ele, compõem a trilogia de novelas do autor estudado, pois considero ser sua especificidade muito mais próxima à experiência da escrita da qual tratarei. Já os *Textos para nada*, publicados originalmente junto à trilogia referida em 1958, e constituídos de treze fragmentos de extensões desiguais, radicalizam as propostas anteriormente apresentadas em *O Calmante*, sobretudo no que diz respeito a um uso outro da linguagem que se distancia, cada vez mais, da representação.

Por ser essencialmente múltiplo, o sujeito que constitui o tema deste estudo é incapaz de definir-se como totalidade. Ele se lança em um processo de expansão de si, no qual se

perde e se estranha. Desta maneira, a ilusão do “eu” é desmascarada, desvelada, e a identidade passa a se constituir através da afirmação da distância e da diferença entre as várias faces do sujeito, uma vez que mesclado ao mundo, ao outro e à linguagem. Durante este processo de expansão, abre-se a oportunidade de tensionar os limites da razão, da moral e da lógica vigentes, a fim de se experimentar formas de vida novas e singulares.

A linguagem e o sujeito beckettianos são lançados em um processo de questionamento contínuo e intenso, assim como propõe a experiência batailliana: “A experiência interior responde à necessidade em que me encontro – e comigo a existência humana – de colocar tudo em jogo (em questão), sem repouso admissível.” (BATAILLE, 1992, p. 11).

A entrada neste processo de questionamento, tanto em Beckett quanto em Bataille, não acontece fora do conflito. O sujeito beckettiano apresenta-se em uma conjuntura de constante briga interna, que não o permite encontrar jamais uma conclusão capaz de tranquilizá-lo:

Ah, ter certeza, saber que esta coisa não tem fim, esta coisa, esta coisa, esta miscelânea de silêncio e palavras, silêncios que não são silêncios, palavras que são murmúrios. Ou saber que ainda é a vida, uma forma de vida, fadada a findar, como outras puderam findar, como outras poderão findar, antes que a vida finde, em todas as formas. (BECKETT, 2015, p. 30).

No trecho acima, retirado do VI fragmento dos *Textos para nada*, é possível observar a reafirmação da única certeza que perpassa os personagens e os textos beckettianos: a de que o conflito jamais terá um fim. O conflito brota da experiência de confrontação de limites lógicos e racionais: limites da construção do “eu”, do conhecimento e da linguagem. O personagem expõe sua trágica situação, ele está, assim como toda a humanidade, inserido e preso na linguagem, da qual ele nunca poderá se libertar. Ele continuará questionando o código e suas limitações, esta linguagem que se forma de “silêncio e palavras, silêncios que não são silêncios, palavras que são murmúrios”. O personagem é consciente, não apenas de sua arbitrariedade e insuficiência, mas também do fato de que dela ele não poderá escapar. Ele permanecerá nessa constante briga que não busca um fim, na verdade, não busca nada a não ser a própria busca.

Como afirmava Bataille, a experiência não parte de uma revelação e nela “nada tampouco se revela, a não ser o desconhecido”, tornando-se, então, impossível o encontro de algum sossego. As narrativas beckettianas jamais chegam a um fim ou conclusão, seus personagens não podem avançar no tempo ou cessar suas vozes, e não conseguem nem mesmo morrer. Por mais que por muitas vezes desejem o silêncio, são incapazes de se calar, inseridos que estão em um eterno conflito. Brigam com a linguagem e a racionalidade, tensionando-as, retorcendo-as, porém sem jamais serem capazes de efetivarem com elas uma ruptura definitiva.

Beckett, ao expor o conflito de seus personagens, consegue se aproximar de forma revolucionária da intensidade do pensamento. O sujeito narrador-personagem se lança em uma eterna tentativa de se expressar, questionando suas palavras e ideias, testando-as e tentando corrigi-las, retificá-las ou anulá-las constantemente. Ele expõe, deste modo, o caráter caótico do pensamento humano, revelando seu teor paradoxal e múltiplo. Beckett desvela o movimento de fluxo vital que percorre o ser de forma desordenada, deixando claro que nossas concepções de organização do pensamento com base na racionalidade são falhas. A lógica e a linguagem não poderão nunca ser capazes de traduzir a complexidade da vida.

Aquilo que o sujeito sente é muito mais forte que o código, forma de representação metonímica que segmenta e agrupa ideias impossíveis de serem comparadas. Apesar de serem, na maior parte das vezes, personagens decrépitos, com suas funções corporais comprometidas, evidencia-se a vida que neles pulsa. São *clochards*, reduzidos ao mínimo, com corpo e memória defeituosos, porém neles, o desejo e a vida se sobrepõe. Como afirma o personagem de *Textos para nada* no IX fragmento, o corpo é um elemento secundário. “Mas e o corpo, para ir até lá, onde está o corpo? É secundário, secundário.” (BECKETT, 2015, p.45).

Embora mal possam se locomover ou dispor de seus corpos para qualquer atividade física, os personagens assumem um posicionamento extremamente ativo em relação à vida, pois não param jamais sua busca. Como o próprio personagem observa, no IX fragmento dos *Textos para nada*, o que ele vive é um grande paradoxo, uma espécie de conturbação, intensa agitação dentro de sua imobilidade:

Que variedade e ao mesmo tempo que monotonia, como é variado e ao mesmo tempo como é, como dizer, como é monótono. Que agitação e ao mesmo tempo como é calmo, quantas vicissitudes no cerne do que é imutável. (BECKETT, 2015, p.41).

A imobilidade do personagem é colocada tanto pelo corpo quanto pela linguagem, que é “imutável”, fixando e agrupando coisas diversas às palavras. Dentro da linguagem, porém pode ocorrer uma grande “agitação”, justamente através do questionamento de sua monotonia.

Assim como Friedrich Nietzsche, Bataille defende ser a linguagem contrária à vida e, seguindo o caminho do primeiro, vai tratar de analisar a oposição entre *saber* e *não-saber*, que equivaleria ao que Nietzsche chama de *conhecimento* em oposição à *vida*. A linguagem implicaria a separação entre sujeito e objeto, enquanto a vida seria uma fusão: “A experiência atinge, para terminar, a fusão do objeto e do sujeito, sendo, como sujeito, não-saber, como objeto, o desconhecido.” (BATAILLE, 1992, p.17).

Além disso, a linguagem se caracterizaria como uma presença que também constituiria uma ausência, ao representar algo que não está nela. Torna-se difícil, portanto, pensar a experiência na linguagem, pois no momento de registro ela já se modificou, já se tornou “discurso”. O enunciado, produto da enunciação, pressupõe um certo fechamento do pensamento, a elaboração das ideias precede o produto.

A linguagem se anuncia, deste modo, como uma considerável barreira para a experiência, uma vez que esta última deve ser vivida para além dos limites do possível, para além da representação e da racionalidade. Seria preciso trabalhar a linguagem de outra forma, alterá-la a fim de atravessar essa ausência e vivenciar a experiência como presença.

No VI fragmento dos *Textos para nada* o narrador expõe justamente essa relação de presença-ausência relativa ao código. Ele afirma não conseguir nomear suas palavras, como se seus pensamentos fossem palavras, “inomináveis palavras”:

É que não encontrei as certas, as que matam, das agruras desse pasto infecto elas ainda não vieram à tona, torrente de palavras, com que palavras nomeá-las, minhas inomináveis palavras. No entanto tenho muita esperança, juro, de um dia poder contar uma história, mais uma, com homens, como no tempo em que não desconfiava de nada, ou quase. (BECKETT, 2015, p.30).

A experiência se aproximaria da vida, pois ela ultrapassaria o limite do saber, da racionalidade, da lógica, da moral, da linguagem e, conseqüentemente, iria em direção ao extremo do possível. “Chamo experiência uma viagem ao término do possível do homem. Cada um pode não fazer esta viagem, mas, se ele a faz, isso supõe negar as autoridades, os valores existentes, que limitam o possível.” (BATAILLE, 1992, p.15).

O conhecimento promove uma espécie de fechamento do pensamento, limitando-o à medida que “aquele que já sabe não pode ir além de um horizonte conhecido” (BATAILLE, 1992, p. 11). Seria necessário, desta forma, sair dos discursos dominantes e morais aos quais estamos tão intrinsecamente inseridos, além de também sair do horizonte conhecido das palavras, desvinculá-las de seu sentido comum e tensionar a representação. A experiência toca o não-representável, aquilo que não sabemos nomear ou descrever. O “não-saber” a move (“quis que o não-saber fosse seu princípio”[BATAILLE, 1992, p. 11]), é nele que ela nasce e onde permanece.

### O “mal” e a “soberania”

No primeiro capítulo da dissertação, além da temática da *experiência interior* também serão desenvolvidas algumas outras propostas de Georges Bataille que podem ser percebidas na obra de Samuel Beckett.

Altamente transgressor de formas dominantes, o personagem beckettiano se encontra no lugar do “mal”, pensado por Bataille em *A literatura e o mal*, livro de 1957. O *mal* é a transgressão, aquilo que vai contra os limites estabelecidos pela consciência, ele se estabelece na ordem do individual e vai contra os interesses da coletividade. A ideia de “bem”, em oposição, sempre esteve vinculada a *polis* e ao utilitário. Tradicionalmente temos a colocação de “bem” e “mal” como fronteiras inventadas para mostrar o mundo que podemos ou não frequentar, pontos aquém ou além dos limites. Bataille vai ainda além, pois seu “mal” difere-se do “mal” da tradição, já que se não se guia pela moral.

O narrador-personagem de Beckett está na esfera do “indivíduo”, que sendo soberano, cava um abismo entre ele e a coletividade, pois não serve ao mundo do trabalho, da

produtividade, da paternidade, ou do casamento. Ele é extremamente pueril e está no reino da infância, tão valorizado por Bataille em seu texto sobre o mal.

O sujeito beckettiano é “soberano”, seguindo a lógica do pensamento batailliano que, através da crítica da ideia de *liberdade*, elabora a noção de *soberania* relativa a “um aspecto oposto, na vida humana, ao aspecto servil ou subordinado” (BATAILLE, 1976, p.247). A liberdade implicaria todo um discurso baseado na razão e na moral utilitária, enquanto a soberania não operaria desta forma. A ideia de liberdade, em seu sentido usual, está em nós tão introjetada como valor positivo, que parece, em um primeiro momento, difícil entender o que há nela de opressor e limitador. Bataille revela a opressão escondida atrás do discurso e dos pressupostos do conceito de liberdade, revolucionando e transformando a ideia.

## REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992. Tradução de Celso Libânio Coutinho, Magali Montagné e Antônio Ceschin.

\_\_\_\_\_. *A parte maldita* Precedida de “A noção de dispêndio”. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. *A literatura e o mal*. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BECKETT, Samuel. *Nouvelles et Textes pour rien*. Paris: Les Éditions de minuit, 1958.

BECKETT, Samuel. *Novelas*. Tradução por Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BECKETT, Samuel. *Textos para nada*. Tradução por Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.